

6 Entre o tradicional e o moderno: uma nova experiência que se desdobra

O trabalho da pesquisa debruçou-se sobre a investigação da mulher rural, considerando, inclusive, a escassez de produções teóricas sobre esse tema. Daí sua relevância e a exigência de um trabalho reflexivo.

Vimos que o mundo rural vem sofrendo uma série de transformações sociais e econômicas que estão alterando substancialmente a organização tradicional familiar. As formas de vida no campo já não são mais as mesmas, o sistema holístico grupal foi atingido no seu ponto central – na vida feminina, pois antes seu trabalho estava inserido na organização familiar (homens e mulheres trabalhavam juntos na lavoura), e elas ainda eram responsáveis pela criação de filhos, também considerados mão-de-obra colaboradoras. Esse modelo não interessa mais à sociedade rural. Com a “modernização”, constituiu-se um mercado de trabalho feminino e a vida da mulher adquiriu uma certa individualidade até então não imaginada. Há uma nova experiência aberta no campo do trabalho que traz satisfação e prazer às trabalhadoras, ainda que a referência predominante na nova atuação seja, como apontada pelas sociólogas, a maternidade. Esta função ainda representa um lugar significativo na vida psíquica das mulheres camponesas.

Nesse cenário de mudanças, vários autores (Carneiro, 1999; Brumer, 2004) sinalizam a situação de crise experimentada pelos jovens rurais na atualidade que, confrontados com os valores urbanos atuais, formulam projetos de vida que não incluem a vida no campo, sobretudo as moças, justificadas pelas reduzidas perspectivas na agricultura e pelo desejo de traçarem caminhos diferentes dos de suas mães.

Assim, os três componentes destacados por Michele Perrot (*apud* Nunes, 2001), caracterizados como brechas que contribuiriam para maior inserção da mulher ocidental na esfera pública, estão presentes hoje no contexto rural brasileiro e também conduzem as mulheres do campo ao espaço público por meio da participação em movimentos religiosos agora voltados para a comunidade, do trabalho nas empresas agrícolas, junto à legalização de sua condição de trabalhadora rural e da migração feminina que é mais acentuada no caso das

moças que investem mais nos estudos, em busca de obter um emprego fora do meio rural.

Foi com o intuito de estudar os efeitos psíquicos dessas mudanças no espaço rural que fomos literalmente ao campo. A comunidade estudada – Janela das Andorinhas – apresenta muitos aspectos em comum com os demais espaços rurais, no entanto, possui características próprias culturais, sociais e econômicas. Dessa forma, vimos prevalecer em Janela das Andorinhas o modelo tradicional de organização familiar rural. O homem detinha o poder decisório na esfera pública e a mulher tinha uma situação de poder no âmbito doméstico e na educação dos filhos. Esse modelo ainda se mantém, embora pareça estar se modificando, uma vez que presenciamos uma série de transformações, principalmente por meio do início de uma outra relação da mulher com a esfera do trabalho.

As mulheres mais velhas relatavam que trabalhavam junto com os maridos na roça e seus filhos os acompanhavam. O estudo nessa época era contraindicado, o trabalho vinha em primeiro lugar. Esse discurso não cabe mais hoje em Janela das Andorinhas; agora o estudo vem em primeiro lugar e o trabalho na lavoura não é bem-vindo para as moças. Há uma mudança significativa e que possui efeitos subjetivos expressivos para aqueles que vivem nessa comunidade.

É nesse sentido que as entrevistadas mais novas relatam ter outros interesses que não a vida no campo, destacam, assim, o desejo de estudarem para obter um emprego ou ter uma profissão. Agrada-lhes a idéia de ter independência e liberdade. Não há dúvida de que a aproximação dos espaços urbanos e rurais, por meio da chegada da televisão e da saída durante o dia dos jovens para estudar, tiveram repercussões subjetivas, que se apresentam por meio da formulação de projetos de vida mais próximos dos valores urbanos atuais. O novo contexto lhes exige a realização de um trabalho psíquico para poder dar conta desse momento de transformação, na medida em que o cotidiano rural ainda é distante dos novos valores que se aproximam.

Assim, o prazer e a facilidade descritos pelas entrevistadas mais velhas com a maternidade contrapõem-se à ambivalência presente na narrativa das mais novas, que relatam ser essa uma experiência complicada, queixando-se do excesso de responsabilidade e das limitações. Todas as mães mais novas referem-se ao ressentimento por não terem estudado e hoje não terem uma profissão. Notamos, dessa forma, no relato das mais novas uma contradição, na medida em que

afirmam a maternidade como uma experiência boa, no entanto, aparece de forma negativa quando a descrevem.

Presenciamos um certo descompasso entre a experiência cotidiana das entrevistadas e os novos discursos, apontando para uma possível situação de conflito que se faz presente em diversos depoimentos: a entrevistada que trabalha e estuda, porém concebe a experiência de ser mulher representada exclusivamente pela maternidade, ou aquela que sonha morar na cidade e fazer uma faculdade, mas namora há dois anos um agricultor sem perspectivas de deixar o campo, ou ainda aquela que deseja estudar e ter uma profissão, mas não abre mão da vida dedicada ao marido e aos filhos. Diferentes vozes que apontam para um momento de mudança em que se apresenta a mescla dos valores antigos com os novos, com os quais elas parecem se identificar. Nesse sentido, as mais novas possuem uma postura crítica em relação a suas mães, colocando-se em uma postura contrária à mulher que se dedica exclusivamente à família e vive em função do outro e tendo, inclusive, que depender financeiramente do marido. Tal concepção aponta para um processo de desidentificação delas com a geração anterior. As jovens na atualidade desejam ter mais autonomia, independência e liberdade.

Nesse contexto, delineiam-se ainda duas representações distintas em relação a ser homem e ser mulher. O primeiro implica em uma postura mais despreocupada, com mais diversão e um descompromisso com as questões que não dizem respeito à lavoura. Os homens parecem usufruir as categorias de *autonomia e liberdade*, possuindo o direito de ir e vir, enquanto as mulheres possuem uma vida mais presa e controlada, cheia de afazeres e compromissos diários, sem descanso e lazer. Relatam o sofrimento e o excesso de responsabilidade que vivenciam, no entanto, também se referem à dificuldade de renunciar a esse lugar de referência no âmbito doméstico que lhes confere um certo poder e controle.

Inserida então nessa problemática é que compreendemos a preferência de algumas mulheres em ser homem, pois invejam a postura masculina mais descompromissada e despreocupada. E, acima de tudo, invejam a maior liberdade e autonomia. Essas mulheres não estão em busca de poder, o que elas desejam é ter mais autonomia e liberdade, saindo de uma postura de total dependência e submissão. Interessante é essa narrativa, que se aproxima de certa forma à descrição, realizada por Birman (1999) da nova Carmem, no aspecto em que a

personagem almeja “a fruição do viver livremente, dentro do possível”, de mãos dadas com seu desejo em toda sua consistência e distante da luta pelo poder, como também de suas insígnias. Não estamos afirmando que o perfil da nova Carmem se assemelha em sua completude ao perfil das mulheres de Janela das Andorinhas, porém apontando um aspecto relevante e que merece reflexão, no ponto em que menciona a questão do desejo feminino na empreitada de ter maior autonomia e liberdade.

Dessa forma, algumas de nossas entrevistadas saíram em busca desses objetivos e atualmente trabalham fora, ganham seu dinheiro e possuem uma vida um pouco mais individualizada. Notamos, assim, a ampliação do campo de investimento libidinal das mulheres mais novas, indicando novos caminhos para o desejo feminino, que não o destino exclusivo de se tornarem mães. Com efeito, não é a demanda fálica que prevalece nas diferentes narrativas. Nesse contexto, emerge o *desdobrar-se* feminino, descrito por meio da mulher que sai em busca de seu desejo e se desdobra para alcançá-lo. Nessas narrativas encontramos elementos como a flexibilidade, o querer, e a criatividade na busca de se encontrar novas formas de viver. O *desdobrar-se* implica a dimensão da experiência, em sua face criativa, múltipla e singular, na medida que se refere ao processo de cada sujeito. Esse seria o território da feminilidade, enunciado pelos psicanalistas Birman (1999, 2001) e Arán (2000, 2002).

No entanto, é forte a presença do modelo tradicional de feminilidade nesse determinado contexto rural, em que sobressaem os atributos de ser “reservada”, “delicada”, “obediente” e “educada”, os quais aparecem mesclados à representação da mulher como mãe. Grande parte ainda acredita que a maternidade faz parte do destino feminino. Surge, contudo, um novo tom, vindo de uma voz tímida, e como em um acorde final, indica a presença de um novo território para a feminilidade, ligada ao estilo e a musicalidade de cada sujeito. Em sua fala, o feminino aparece ligado à possibilidade de criação de um estilo próprio. Para completar, relaciona ainda com condição de incompletude do ser humano, o que, em suas palavras, direcionaria o sujeito à busca de algo novo.

Em suma, ainda que o modelo tradicional de feminilidade se faça presente, temos notícias, na narrativa das jovens, de uma ampliação das saídas subjetivas na travessia de se tornar uma mulher, com uma leve indicação de que o território do feminino se insinua sob novas formas.